

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ADMINISTRAÇÃO

**UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UM ESTUDO
DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFMG DE MONTES CLAROS,
MINAS GERAIS**

Rozenir Santos Ribeiro

Montes Claros – MG

2021

Rozenir Santos Ribeiro

**UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UM ESTUDO
DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFMG DE MONTES
CLAROS, MINAS GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Ciências Agrárias da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial, para a obtenção do título de
Bacharel em Administração.


Orientador: Prof. Fausto Makishi

Rozenir Santos Ribeiro. **UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UM ESTUDO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFMG DE MONTES CLAROS, MINAS GERAIS**

Aprovada pela banca examinadora constituída por:

Prof. Frederico Antônio Mineiro Lopes - ICA/UFMG

Prof^ª. Maria Mislene Rosado de Sousa - IFPI



Prof. Fausto Makishi - Orientador ICA/UFMG

Montes Claros, 01 de setembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que torna possíveis todas as coisas.

A toda a minha família, em especial, aos meus pais, Izabel da Conceição e Otaviano de Jesus, pessoas em quem me inspiro.

Aos meus amigos, tão necessários nessa caminhada.

Agradeço aos meus colegas de curso, com quem compartilhei esta jornada. Em particular, àqueles que ajudaram diretamente na realização desta pesquisa, respondendo ao questionário, e às minhas colegas Ane Caroline Pereira, Ísis Parvati, Floripes Crispim, Kely Alves e Stephanie Carolline Campos, que foram de fundamental importância nesse percurso.

Agradeço imensamente aos professores, que, mesmo com tantas limitações na Educação do nosso país, se esforçam para nos oferecer o que têm de melhor: o conhecimento. E não só o conhecimento técnico, mas também os que advêm de suas experiências de vida, e que enriquecem infinitamente nossa formação. Muito obrigada, mestres!

Agradeço a todo o ICA/UFMG, composto também pelos técnicos administrativos e demais trabalhadores contratados, bem como aos que não compõem o quadro de trabalhadores da instituição, mas contribuíram com nossa formação, seja levando seu conhecimento através de palestras, debates, relatos em sala de aula; se disponibilizando para participar de pesquisas ou cedendo espaço para a realização destas.

Por fim, agradeço, de forma muito especial, ao meu orientador, brilhante educador, Fausto Makishi. Sua ajuda foi primordial para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O entendimento contemporâneo de empreendedorismo sugere mudanças nos modelos de educação superior, tendo em vista a formação de um profissional mais proativo, crítico e capaz de realizar mudanças junto às organizações em que se insere. Este estudo tem como objetivo caracterizar, a partir da percepção dos acadêmicos e egressos, como a Universidade, mais especificamente o curso de bacharelado em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, campus Montes Claros, tem proporcionado uma educação empreendedora. O referencial teórico foi construído sobre conceitos da educação empreendedora. Sobre a metodologia, a pesquisa, considerando sua natureza, se classifica como aplicada; quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritiva e exploratória; no que se refere aos procedimentos técnicos adotados, o estudo compreendeu a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso; a amostragem é não probabilística e por conveniência; aplicou-se um questionário estruturado, construído através do Google Forms, utilizando a escala linear e baseado na escala de Likert, a 78 acadêmicos e egressos do curso de bacharelado em Administração do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais – ICA/ UFMG. Após a análise de dados, verificou-se que os resultados apontam que, na percepção dos acadêmicos e egressos, o curso de Administração da UFMG de Montes Claros possui práticas que possibilitam o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, podendo, no entanto, evoluir nesse aspecto.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação Empreendedora. Agente de Mudança. Aprendizagem. Metodologia de Ensino.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Idade dos participantes da pesquisa	21
Figura 2. Ano de ingresso dos participantes da pesquisa no ICA/UFMG.....	21
Figura 3. Sexo dos participantes da pesquisa	22
Figura 4. Experiência dos participantes da pesquisa como empreendedores	22
Figura 5. Afirmação: Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para a transmissão de conteúdos.....	23
Figura 6. Afirmação: Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para aprender a aprender.....	23
Figura 7. Afirmação: Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG promove a apropriação do aprendizado pelos alunos.....	24
Figura 8. Afirmação: A postura dos professores do ICA/UFMG é sempre de facilitador, conduzindo a construção participativa do conhecimento.....	24
Figura 9. Afirmação: A postura dos professores do ICA/UFMG é predominantemente de detentores do conhecimento.....	25
Figura 10. Afirmação: Sinto-me estimulado ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos	25
Figura 11. Afirmação: A programação de aula é flexível e os conteúdos podem ser adaptados às necessidades de aplicação da turma.....	26
Figura 12. Afirmação: Os objetivos, conteúdos e discussões são sempre impostos e dificilmente são negociados com a turma	26
Figura 13. Afirmação: A vivência na universidade permite entender melhor o nosso lugar no mundo e as contribuições que podemos dar	27
Figura 14. Afirmação: Conjecturas e pensamento divergente são vistos como parte do processo criativo.....	27
Figura 15. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, o conhecimento teórico é amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela	28
Figura 16. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, há encorajamento para atuar no meu local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acredito serem necessárias.....	29
Figura 17. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, a educação é vista como processo que dura toda a vida, e não como uma necessidade social durante certo período de tempo	29
Figura 18. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, os erros são vistos como fonte de conhecimento.....	30
Figura 19. Questão de verificação: Marque "concordo" se estiver lendo isso	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Comparação entre a formação convencional e a formação empreendedora.....	14
Quadro 2. Embasamento para elaboração das afirmações que compõem o questionário.....	19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- COVID – *Corona Virus* Disease
- ICA/UFMG – Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais, campus Montes Claros
- IES – Instituições de Ensino Superior
- UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Educação Empreendedora	12
3 METODOLOGIA.....	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
5 CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE A – Questionário Estruturado	38

1 INTRODUÇÃO

A origem epistemológica da palavra empreendedorismo é um pouco difusa. A teoria mais provável é que ela seja derivada da palavra francesa “*entreprendre*“, por sua vez, formada da palavra latina *prehendere* – no sentido de tomar ou apossar - e do sufixo *inter*, que passa a ideia de reciprocidade. A tradução literal é ‘aquele que toma para si’. Alguns achados curiosos, encontrados em registros da era medieval francesa, atribuem à palavra *entreprendre* outros sentidos, por vezes opostos: “aquele que arruma confusão” e “aquele capaz de grandes feitos”. Também chama a atenção o fato de que a palavra empresa, cuja origem latina é comum, teria sido adotada inicialmente como símbolo dos feitos de um cavaleiro, ou empreendedor (NUNES, 2014).

Possivelmente pela gênese comum, os termos empreendedor e empresário costumam ser confundidos, notadamente na língua portuguesa e no Brasil. É comum observar junto às mídias, narrativas e discursos, mesmo dentro da academia, a utilização dessas duas palavras quase como sinônimos. Não são. A noção contemporânea de empreendedor toma uma perspectiva muito mais ampla que a do proprietário do próprio negócio (MAKISHI, 2018). Em outras palavras, enquanto o empresário remete ao capitalista, o empreendedor está muito mais ligado a aspectos relacionados a competências e capacidades que permitem classificá-lo como um agente de transformação, podendo manifestá-las dentro ou fora da organização produtiva¹.

A discussão sobre o empreendedorismo começa a ganhar atenção em meados de 1950 com a chamada Escola de Viena, ou Escola Austríaca de Economia, destaque para Ludwig Heinrich von Mises e Israel Meir Kirzner, que reconhecem o empreendedor como “motor da sociedade”. Sobre forte influência das ideias liberais, esses economistas atribuíram ao empreendedor a responsabilidade de movimentar o mercado por meio da percepção de oportunidades. Para Kirzner² era o empreendedor – e não uma mão invisível - o responsável em mover a curva de oferta em direção do equilíbrio de mercado.

Anos mais tarde, na vertente teórica introduzida por Schumpeter (1982), o empreendedorismo reflete a capacidade de inovar, de criar uma transformação radical em seu meio. Sob essa lente de análise, o empreendedor é o grande responsável por promover

¹ Alguns autores como Dornelas (2008) vão classificar o empreendedor como externo e interno, sugerindo a possibilidade de um funcionário poder ser empreendedor mesmo mantendo seu vínculo trabalhista.

² Kirzner descreve o empreendedor como alguém sempre alerta. É essa característica que permite ao mesmo aproveitar as oportunidades decorrentes das falhas de mercado. Ver Kirzner, I. M. (1973). *Competition and entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.

mudanças na economia e na sociedade, transformando a forma em que essa aloca recursos para produzir bens úteis.

O ato de empreender é, por um lado, produto do desenvolvimento social, por outro, é uma ação que contribui para o desenvolvimento da sociedade, por meio das inovações, ao atender demandas emergentes e específicas e fortalecer a rede de relações interempresariais (CARPINTÉRO; BACIC, 2001). Chiavenato (2004) defende que o espírito empreendedor move a economia, alavanca recursos e impulsiona talentos.

O empreendedor é, portanto, um valioso agente transformador, que tende a causar impacto positivo em seu meio socioeconômico, podendo atuar com base em novas tecnologias e inovações em negócios que, em grande parte, têm muito potencial para crescer de forma sustentável, gerando riqueza e emprego (DEGEN, 2008).

Talvez por esse reconhecimento, a atividade empreendedora passou a ocupar um lugar de destaque na discussão internacional e nacional sobre o desenvolvimento, passando a pautar políticas públicas e privadas para seu fomento. Dentre essas, a política de educação ocupa um papel de destaque e serve de tema para o presente trabalho de conclusão de curso.

Adicionalmente, entendendo o empreendedor como recurso competitivo organizacional, a formação de empreendedores reflete um aspecto também relevante na formação de recursos humanos para além das questões envolvendo a autonomia empresarial.

Por seu turno, a universidade pública e a educação superior se inserem como parte dessa visão de mundo e, sob uma perspectiva desenvolvimentista, passa a representar instrumento de mudança da realidade local e regional. A ideia está explicitada na bandeira da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a inscrição *Incipit Vita Nova*, “uma vida nova começa”, e se dá por diversas formas em sua vocação de ensino, pesquisa e extensão.

O acesso ao ensino superior ocupa um papel estratégico no desenvolvimento econômico regional e nacional. A qualificação possibilita a melhor colocação profissional, maiores rendimentos, ao mesmo tempo em que tende a melhorar a eficiência na utilização de recursos finitos.

Diante da evidente importância do tema, o presente trabalho de conclusão de curso pretende estudar como a Universidade está, ou não, promovendo uma educação empreendedora junto a seus acadêmicos. Em outras palavras, o estudo pretende, ao menos em parte, contribuir para o debate envolvendo as Instituições de Ensino Superior (IES) e o desenvolvimento socioeconômico por meio do empreendedorismo. A pergunta que inspira

este estudo pode ser resumida em: Como a Universidade vem fomentando o empreendedorismo?

Sendo assim, o objetivo geral do presente trabalho de conclusão de curso é caracterizar, a partir da percepção dos acadêmicos e egressos, como a Universidade, mais especificamente o curso de bacharelado em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, campus Montes Claros, tem proporcionado uma educação empreendedora. Os objetivos específicos são: relatar se no processo de ensino-aprendizagem do curso há a oportunidade do exercício da reflexão, do pensamento crítico e do desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender; observar se o processo de ensino-aprendizagem do curso favorece o pensamento divergente e criativo; e investigar se o processo de ensino-aprendizagem do curso encoraja a atuação do acadêmico no local de trabalho e na sociedade.

A seguir, apresentam-se as demais seções deste trabalho, a saber: o referencial teórico, onde se encontra uma revisão dos principais conceitos sobre o tema; a metodologia, que aborda a condução deste estudo; a apresentação e análise dos dados; e a conclusão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Empreendedora

We don't need no education
 We dont need no thought control
 No dark sarcasm in the classroom
 Teachers leave them kids alone
 Hey! Teachers! Leave them kids alone!
 All in all it's just another brick in the wall
 All in all you're just another brick in the wall
 (Another Brick In The Wall – Pink Floyd, 1979)

O sistema de educação superior, em especial o sistema brasileiro, tem se pautado pela formação tecnicista, quase sempre, voltado à formação de recursos humanos para grandes corporações. Em outras palavras, a formação superior condicionou-se, há muito tempo, a oferecer ao mercado de trabalho indivíduos eficientes, capazes de contribuir para o aumento da produtividade na sociedade. Na pedagogia tecnicista, o foco está no aprender a fazer, em detrimento do aprender a aprender (SAVIANI, 2008).

Todavia, mesmo a formação de recursos humanos especializados tem se tornado alvo de críticas. Em parte, porque o conhecimento transmitido no ambiente educacional rapidamente pode se tornar obsoleto devido às rápidas e constantes mudanças do mundo moderno. Na área tecnológica, por exemplo, o conceito de “atual” é transformado de forma frenética. Com isso, não é suficiente que o estudante receba uma carga de informações passada pelos professores durante sua formação. É necessário que o estudante atue ativamente no processo de ensino-aprendizagem, tornando-se capaz de aprender por si mesmo e desenvolvendo as habilidades que muito se aproximam da ideia de empreendedor, onde é necessário experimentar, fazer, errar e aprender com os seus erros (DOLABELA, 2008).

Diante disso, emerge a noção de educação empreendedora como alternativa para suprir as necessidades exigidas pela dinâmica do mundo atual, que demanda por profissionais capazes de atuar com autonomia, criatividade, criticidade, e dispostos a agir, mesmo diante dos riscos. O ideal é que as escolas acompanhem as mudanças do mercado e proporcionem condições de aprendizado que atendam às suas necessidades (FILION, 2004).

Ademais, para a educação do presente século, as recomendações da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) são aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Recomendações estas que

são seguidas pelo desenvolvimento e pela implementação de programas de educação empreendedora.

Outros aspectos referidos pela Unesco quanto à educação moderna, relacionados ao empreendedorismo, dizem respeito ao desenvolvimento da capacidade de inovar, de reter conhecimento, de desenvolver projetos próprios e lidar com as mudanças (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Desta forma, é cabível à instituição de ensino proporcionar um ambiente favorável ao empreendedorismo, ofertando espaços para discussão e reflexão que possibilitem o desenvolvimento de competências empreendedoras (SOUZA *et al.*, 2005).

No Brasil, há uma grande necessidade de educação empreendedora que oportunize a uma maior parcela da população o desenvolvimento do seu potencial empreendedor, para que grandes segmentos da sociedade, outrora marginalizados, tenham a chance de gerar renda e experimentar a autorrealização (DOLABELA; FILION, 2013, p. 154).

Diversos autores concordam que o ensino do empreendedorismo deve adotar uma metodologia própria, diferentemente do que se pratica no ensino tradicional (SCHAEFER; MINELLO, 2016). Para Dolabela e Filion (2013), no que se refere aos métodos tradicionais de ensino, a mudança deve ser radical, pois os mesmos tendem a se basear na transferência de conhecimento. Para estes autores, a aprendizagem deve se basear em métodos que levem o estudante a pensar de forma independente e proativa.

Nesta mesma perspectiva, segundo Souza *et al.* (2005), para o desenvolvimento da competência empreendedora, é necessária a utilização de metodologias que compreendam muito mais que a aquisição de conhecimento, mas o aprender a aprender, a ser, a fazer e, principalmente, a conviver.

Ainda de acordo com os autores, os princípios norteadores desta formação são a compreensão do mundo e dos seus diferentes aspectos, seja no seu contexto individual ou institucional; fazer uso da comunicação e colaboração em situações competitivas; pensar de forma criativa e fazer uso da criatividade na resolução de problemas; ter domínio pessoal, buscando desenvolver o autoconhecimento e o autodesenvolvimento; ter pensamento sistêmico, com visão do todo, mas também das relações entre as partes; e a liderança, aqui tratada mais como característica adquirida.

É possível realizar uma análise comparativa entre a educação tradicional e a educação empreendedora no quadro abaixo, composto pela descrição de ambas as modalidades, feita por Dolabela (2008).

Quadro 1. Comparação entre a formação convencional e a formação empreendedora

Formação Convencional	Formação Empreendedora
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento
Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento
O conhecimento é o elo entre aluno e professor	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância

Fonte: DOLABELA, 2008, p. 153

Em um mundo com constantes avanços e transformações, o conhecimento precisa ser construído continuamente. Não se pode considerar que o conhecimento adquirido em certo período de tempo é suficiente: esse deve ser um processo constante e autônomo. Isso demanda um método de ensino que leve o acadêmico à busca por esse contínuo aprendizado; ao aprender por si mesmo, com seus erros e experiências, tal qual faz o empreendedor na vida real (DOLABELA, 2008).

Lopes (2010) enfatiza a utilização de metodologias que permitam o “aprender fazendo”, pois isso possibilita o contato do estudante com situações que requeiram o uso do

pensamento crítico e analítico, a fim de buscar soluções para possíveis problemas. Isto é, metodologias que oportunizem o aprendizado através do processo e da experiência.

Guerra e Grazziotin (2010) concordam que a formação empreendedora precisa ser feita de forma interdisciplinar. O empreendedorismo não deve ser discutido somente em disciplinas isoladas ou ficar limitado às salas de aula. É essencial que o professor trabalhe o assunto de forma integrada às outras disciplinas, à instituição e à comunidade.

É importante que exista o elo entre o processo de ensino-aprendizagem com a vida real. A aprendizagem é significativa quando é possível ao educando relacionar o que aprende em sala de aula com o seu cotidiano. Posto isto, a educação empreendedora reforça os vínculos do estudante com o contexto em que está inserido (LOPES, 2010). Para tanto, é necessário haver uma flexibilização nos currículos para que seja possível sua adaptação às necessidades dos acadêmicos.

Na visão de Guerra e Grazziotin (2010), além de, principalmente, assumir a função de sujeito, o espírito empreendedor deve fazer uso da inovação, da imaginação e da criatividade. Deve assumir também o papel de agente transformador da sociedade, onde poderá fazer uso de suas competências para contribuir com o desenvolvimento econômico e social.

Para Oliveira e Barbosa (2014), ainda com base nessa visão do empreendedor como sujeito ativo no processo de empreender, a formação do estudante não pode se pautar na intenção de levá-lo a ocupar um espaço pré-definido ou determinado perfil de comportamento. Há que se pensar que o indivíduo traz consigo uma história e uma visão de mundo, além de desejos e aspirações próprios, e é sobre isso que irá se sustentar o seu saber. Considerar essa subjetividade é essencial para maximizar as chances de melhores resultados na elaboração de um processo de identificação de demandas e formação do estudante.

Desta forma, na educação empreendedora, o acadêmico assume um papel central. Ele participa ativamente do processo, se apropriando do aprendizado. Aqui, o professor também assume um novo papel: atua como um catalisador e facilitador. Em lugar de atuarem com transferência de conteúdo, agora devem incitar os estudantes a aprender a pensar como empreendedores. Ele entende que os diferentes pensamentos compõem o processo criativo e os erros podem ser utilizados como fonte de conhecimento (DOLABELA; FILION, 2013; DOLABELA, 2008).

Nesse novo papel, baseando-se em Tschá e Cruz Neto (2014), o relacionamento entre professor e estudante é mais valorizado. O professor para a ser visto como líder,

conselheiro ou mentor, que inspira o estudante a alcançar suas realizações. Mas para que isso seja possível, novos recursos e métodos devem ser adotados.

Rocha (2012) reforça que a formação empreendedora requer uma metodologia de ensino que apresente base teórica associada com atividades práticas. Algumas sugestões de métodos pedagógicos para o desenvolvimento da formação são apresentadas na literatura, como aulas expositivas sobre o empreendedorismo, elaboração e apresentação de planos de negócios, além de jogos de empresas e incubadoras.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com acadêmicos e egressos do curso de bacharelado em Administração do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais – ICA/ UFMG. O curso de Administração do ICA/UFMG foi criado em 2009, no campus regional da UFMG na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI³, juntamente com os cursos de Engenharia de Alimentos, Engenharia Agrícola e Ambiental e Engenharia Florestal.

Considerando sua natureza, se classifica como pesquisa aplicada. Esse tipo de pesquisa objetiva gerar conhecimento para aplicação prática e é direcionado para solucionar problemas específicos (GIL, 2009).

Em relação à abordagem, se classifica como quali-quantitativa, pois apresenta características de pesquisas qualitativas e quantitativas. A pesquisa qualitativa analisa e descreve o fenômeno estudado em sua forma complexa, se baseando na subjetividade. A pesquisa quantitativa leva em consideração o que pode ser quantificável e pede a utilização de recursos e técnicas estatísticas (KAUARK, 2010).

Quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritiva e exploratória. Segundo Vergara (2007), a pesquisa descritiva tem como principal finalidade a exposição de características de determinada população ou acontecimento. Nesta modalidade, inclui-se a pesquisa de opinião. A pesquisa exploratória procura conhecer melhor o problema, dado o fato de ser pouco explorado. Inclui, geralmente, pesquisas bibliográficas e estudos de caso (GIL, 2009).

No que se refere aos procedimentos técnicos adotados, o estudo compreendeu a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. Pesquisa bibliográfica, porque foi necessária a busca sistemática na literatura para embasamento do estudo. Entende-se por pesquisa bibliográfica aquela cuja realização se baseia no estudo sistematizado de materiais aos quais o público de forma geral tenha acesso, como: livros, redes eletrônicas, jornais e revistas (VERGARA, 2007).

A pesquisa é também estudo de caso por ter sido realizada em um órgão público específico: o Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, mais especificamente, no curso de bacharelado em Administração.

³ Criado em 2008 pelo governo federal, o REUNI tinha como objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior no Brasil. A meta anunciada na época era de dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em um prazo de dez anos, a partir de 2008.

O estudo de caso é limitado a uma ou poucas unidades e tem como característica a busca pela profundidade e detalhamento do que se pesquisa (VERGARA, 2007; GIL, 2009).

A amostragem é não probabilística e por conveniência, composta por 78 acadêmicos e egressos do curso de bacharelado em Administração do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais – ICA/ UFMG, que se disponibilizaram a responder ao instrumento de coleta de dados. A população de interesse era composta por aproximadamente 328 acadêmicos e egressos⁴, dessa forma, a amostra é composta por 23,8% destes, ou o equivalente a uma amostra estatística com 91% de confiança e uma margem de erro de 9%.

A amostragem não probabilística pode ser selecionada baseando-se em critérios de escolha intencional a fim de determinar parte da população que comporá a amostra. A amostragem por conveniência faz uso de indivíduos que estejam disponíveis ou que sejam voluntários (CARMO; FERREIRA, 2015).

Para a realização do estudo, utilizou-se o questionário estruturado, que representa um instrumento de coleta de dados já bastante utilizado em pesquisas qualitativas nas áreas de ciências sociais e ciências sociais aplicadas e tem como finalidade a construção de uma ‘fotografia’ de uma dada população utilizando-se critérios de amostragem (CHAGAS, 2000; AMARO *et al.*, 2005; GÜNTHER, 2003).

O questionário foi construído através do Google Forms, utilizando a escala linear e baseado na escala de Likert. Nomeada em homenagem ao seu criador, Rensis Likert, a escala de Likert é uma escala por itens muito utilizada, que exige dos entrevistados indicação do grau de concordância ou discordância das informações apresentadas. Uma das vantagens da escala, é que o pesquisador pode construí-la e aplicá-la com facilidade, da mesma forma que é de fácil entendimento para o entrevistado, por isso é apropriada para entrevistas pessoais, por correio, por telefone ou eletrônicas (MALHOTRA, 2011). As afirmações do questionário foram elaboradas a partir do Quadro 1 - Comparação entre a formação tradicional e a formação empreendedora, de Dolabela (2008), apresentado no Referencial Teórico deste trabalho, conforme mostra o quadro a seguir:

⁴ Número levantado em junho/2021 junto ao colegiado do curso inclui somatório de matriculas ativas e egressos (formados).

Quadro 2. Embasamento para elaboração das afirmações que compõem o questionário

Comparação entre a formação tradicional e a formação empreendedora de Dolabela (2008)		Afirmações que compõem o questionário
Formação Convencional	Formação Empreendedora	
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender	<ul style="list-style-type: none"> • Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para a transmissão de conteúdos. • Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para aprender a aprender.
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante	<ul style="list-style-type: none"> • Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG promove a apropriação do aprendizado pelos alunos.
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • A postura dos professores do ICA/UFMG é sempre de facilitador, conduzindo a construção participativa do conhecimento. • A postura dos professores do ICA/UFMG é predominantemente de detentores do conhecimento.
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades	<ul style="list-style-type: none"> • A programação de aula é flexível e os conteúdos podem ser adaptados às necessidades de aplicação da turma.
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados	<ul style="list-style-type: none"> • Os objetivos, conteúdos e discussões são sempre impostos e dificilmente são negociados com a turma.
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo	<ul style="list-style-type: none"> • Sinto-me estimulado ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos. • Conjecturas e pensamento divergente são vistos como parte do processo criativo.
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela	<ul style="list-style-type: none"> • No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, o conhecimento teórico é amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, há encorajamento para atuar no meu local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acredito serem necessárias.
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação	<ul style="list-style-type: none"> • A vivência na Universidade permite entender melhor o nosso lugar no mundo e as contribuições que podemos dar.
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola	<ul style="list-style-type: none"> • No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, a educação é vista como processo que dura toda a vida, e não como uma necessidade social durante certo período de tempo.
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, os erros são vistos como fonte de conhecimento.

Fonte: Da autora, 2021.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 19 de julho e 02 de agosto de 2021. O questionário foi enviado ao público-alvo por meio do aplicativo Whatsapp pela pesquisadora, que fazia parte de um grupo no aplicativo, constituído por aproximadamente 150 acadêmicos e egressos do curso de Administração do ICA/UFMG, o que possibilitou o acesso aos participantes da pesquisa.

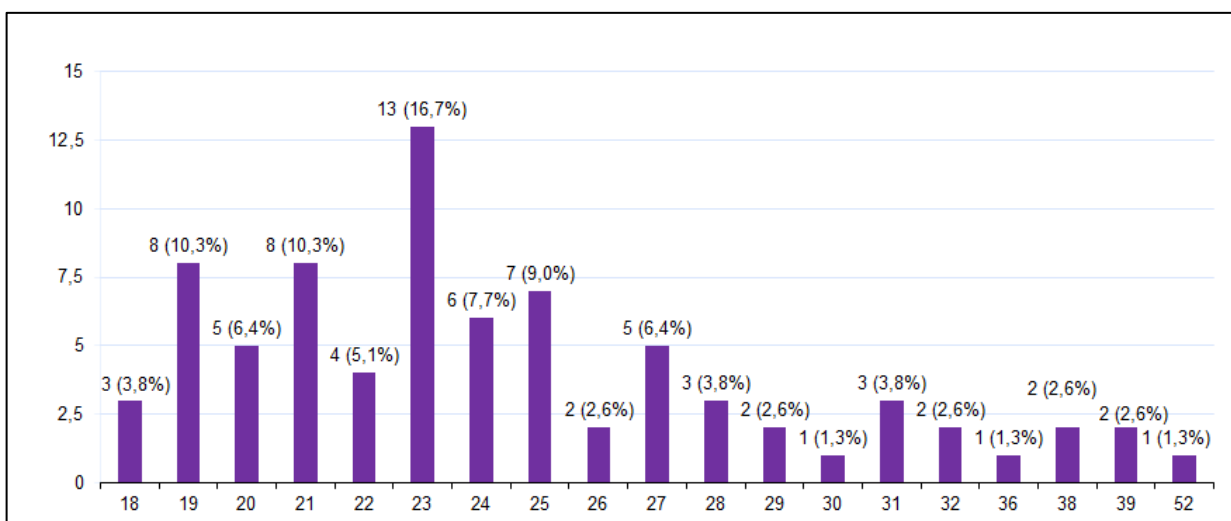
A fim de compreender os dados coletados e confirmar ou não os pressupostos da pesquisa, utilizou-se a Estatística Descritiva como técnica para a análise dos dados obtidos. A Estatística Descritiva permite caracterizar o que é típico no grupo, indicar a variabilidade dos indivíduos e verificar como os indivíduos se comportam em relação às variáveis (GIL, 2009).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa que objetivou identificar a percepção dos acadêmicos e egressos do Curso de Administração da UFMG de Montes Claros sobre Educação Empreendedora no curso. A amostra foi de 78 acadêmicos e egressos. Abaixo, segue o perfil dos que responderam ao questionário.

Os participantes da pesquisa têm idade entre 18 e 52 anos, conforme Figura 1:

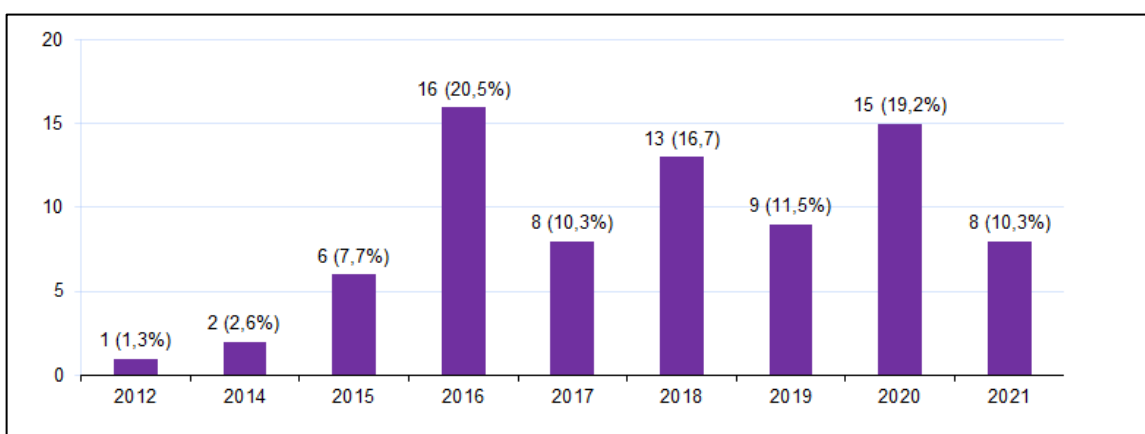
Figura 1. Idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Da autora, 2021

A Figura 2 mostra que os participantes que responderam à pesquisa ingressaram no Curso de Administração da UFMG de Montes Claros entre os anos de 2012 e 2021.

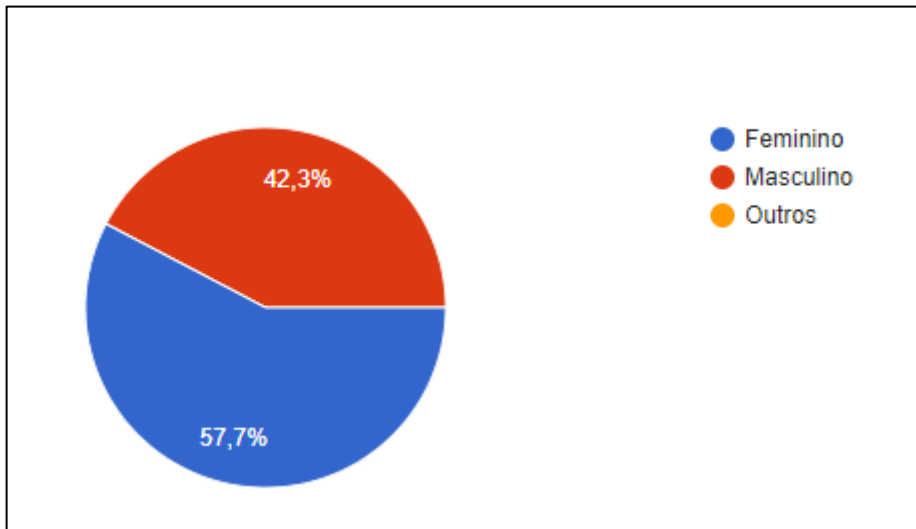
Figura 2. Ano de Ingresso dos participantes da pesquisa no ICA/UFMG



Fonte: Da autora, 2021

A maior parte dos respondentes da pesquisa é do sexo feminino, como representa a Figura 3:

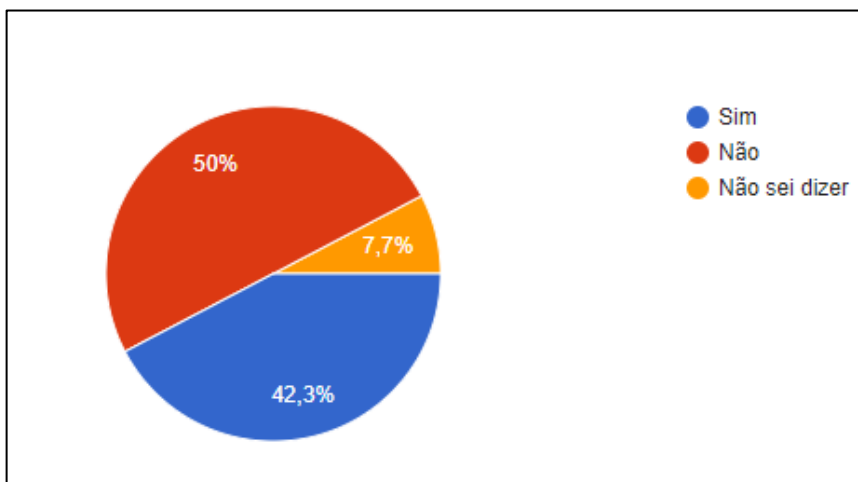
Figura 3. Sexo dos participantes da pesquisa



Fonte: Da autora, 2021

De acordo como a Figura 4, cerca de 50% dos participantes ainda não possui experiência como empreendedor:

Figura 4. Experiência dos participantes da pesquisa como empreendedores



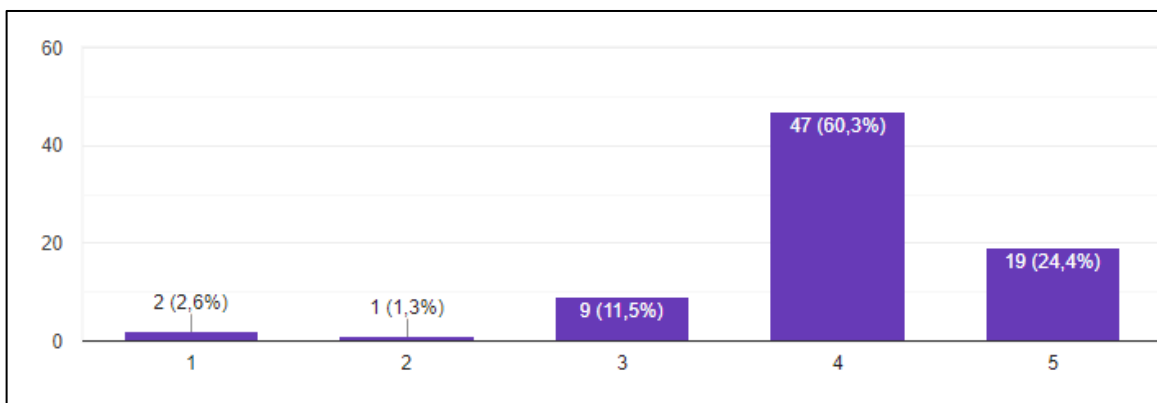
Fonte: Da autora, 2021

Na sequência, apresentam-se os resultados da percepção dos participantes da pesquisa com relação a Educação Empreendedora no curso de Administração da UFMG de Montes Claros. Apresentadas as afirmações, os respondentes avaliaram, classificando entre: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; e, 5 - Concordo Totalmente.

Na Figura 5, observa-se que cerca de 60,3% dos respondentes concordam que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para a transmissão de conteúdo.

De acordo com Henrique e Cunha (2008), o ideal é que a educação empreendedora, diferentemente das demais disciplinas, esteja mais concentrada em desenvolver o conhecimento, do que em sua simples transmissão.

Figura 5. Afirmação: Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para a transmissão de conteúdos

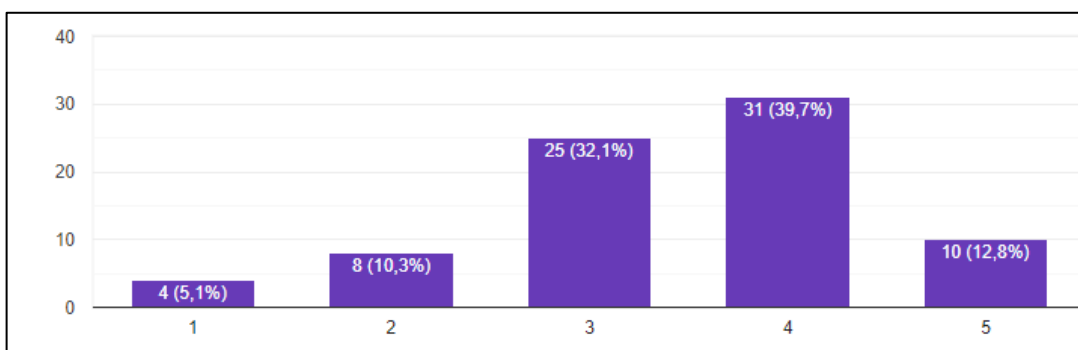


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021

De acordo com a Figura 6, 39,7% dos participantes concordam que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para aprender a aprender. Já 32,1% não concordam nem discordam. Devido à dinâmica do mundo atual, onde o desenvolvimento e as mudanças são constantes, o aprender a aprender deve ser estimulado. O fazer, errar, refazer e criar são aspectos a serem desenvolvidos para um aprendizado autônomo e contínuo (DOLABELA, 2008).

Figura 6. Afirmação: Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para aprender a aprender

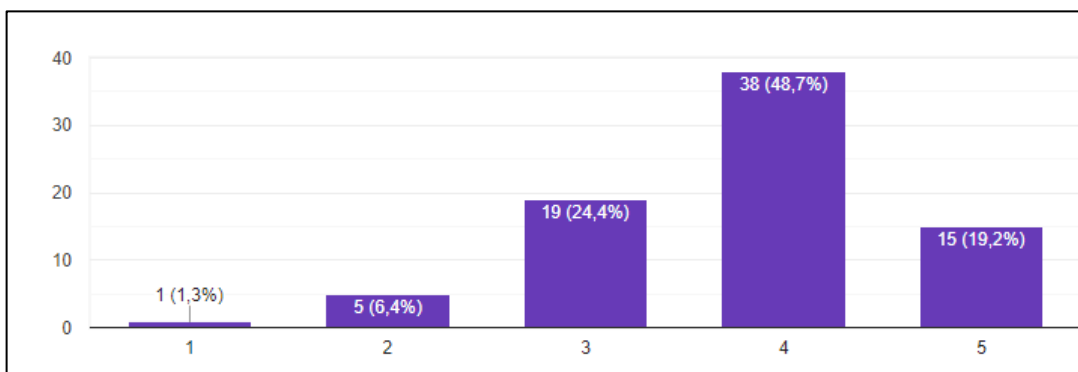


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021

Na Figura 7, verifica-se que 48,7% dos respondentes concordam que a formação oferecida no ICA/UFMG promove a apropriação do aprendizado pelos alunos. Segundo Dolabela (2008), se faz necessário que se saiba aprender, autônoma e constantemente, pois o acúmulo de conhecimento não é devidamente aproveitado em um cenário onde a mudança é rápida e constante.

Figura 7. Afirmação: Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG promove a apropriação do aprendizado pelos alunos

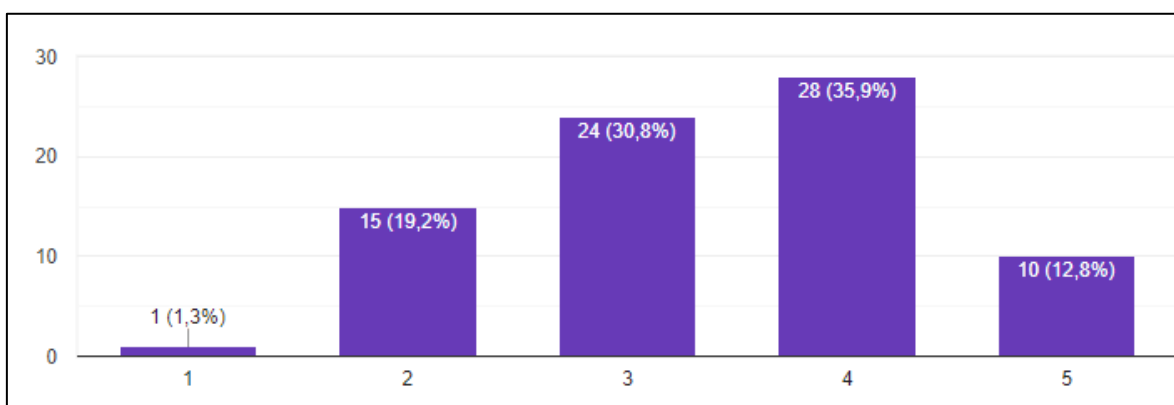


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Conforme a Figura 8, 35,9% concordam que a postura dos professores do ICA/UFMG é sempre de facilitador, conduzindo a construção participativa do conhecimento, e 30,8% não concordam nem discordam. Para Dolabela (2008), o conhecimento deve ser gerado pelos acadêmicos, buscando as respostas, enquanto o professor propõe as perguntas.

Figura 8. Afirmação: A postura dos professores do ICA/UFMG é sempre de facilitador, conduzindo a construção participativa do conhecimento

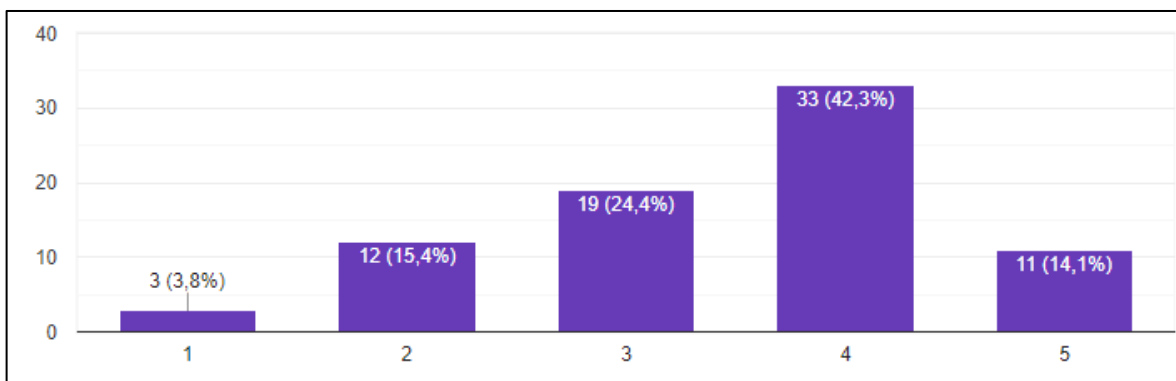


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021

Observa-se na Figura 9, que 42,3% concordam que a postura dos professores do ICA/UFMG é predominantemente de detentores do conhecimento. E 24,4% não concordam nem discordam da afirmação.

Figura 9. Afirmação: A postura dos professores do ICA/UFMG é predominantemente de detentores do conhecimento

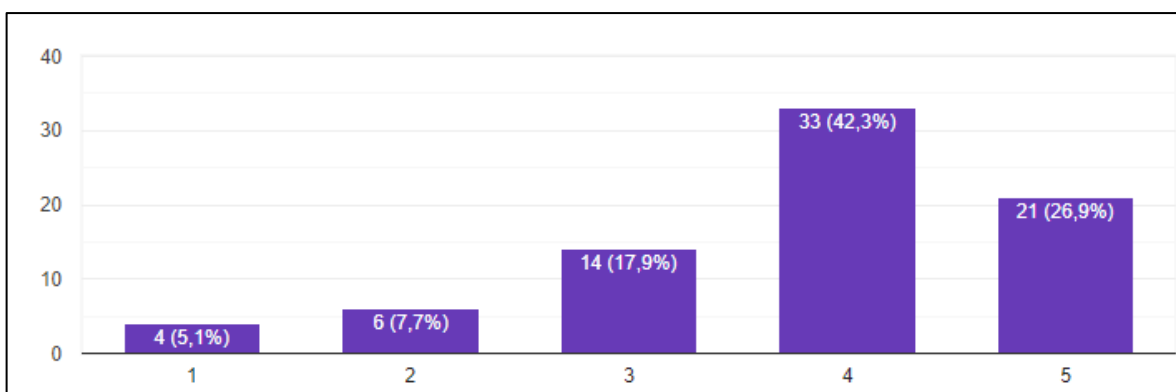


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Na Figura 10, constata-se que 42,3% concordam que se sentem estimulados ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos no curso de Administração da UFMG de Montes Claros e 26,9% concordam totalmente.

Figura 10. Afirmação: Sinto-me estimulado ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos



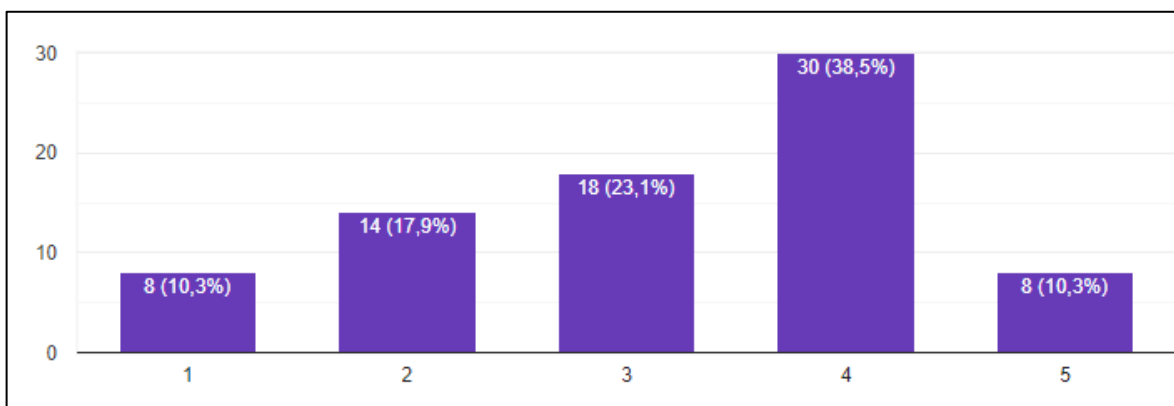
Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Em conformidade com a Figura 11, um total de 38,5% concorda que a programação de aula é flexível e os conteúdos podem ser adaptados às necessidades de aplicação da turma, enquanto 23,1% não concordam nem discordam. Para Oliveira e Barbosa (2014), o ensino do empreendedorismo demanda flexibilidade para que seja

possível adequá-lo às particularidades dos estudantes, não sendo satisfatória apenas a introdução de práticas, mesmo que consideradas atuais.

Figura 11. Afirmação: A programação de aula é flexível e os conteúdos podem ser adaptados às necessidades de aplicação da turma

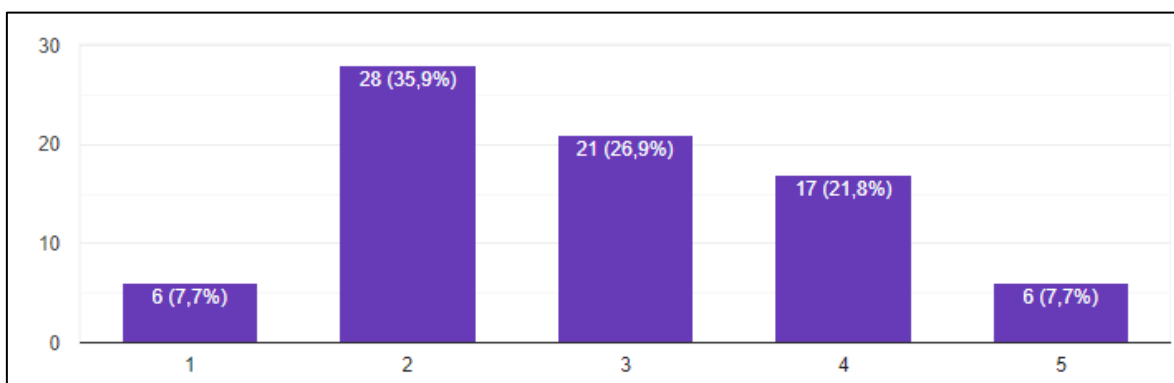


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Na Figura 12, vê-se que 35,9% discordam que os objetivos, conteúdos e discussões são sempre impostos e dificilmente são negociados com a turma, e 26,9% não concordam nem discordam.

Figura 12. Afirmação: Os objetivos, conteúdos e discussões são sempre impostos e dificilmente são negociados com a turma



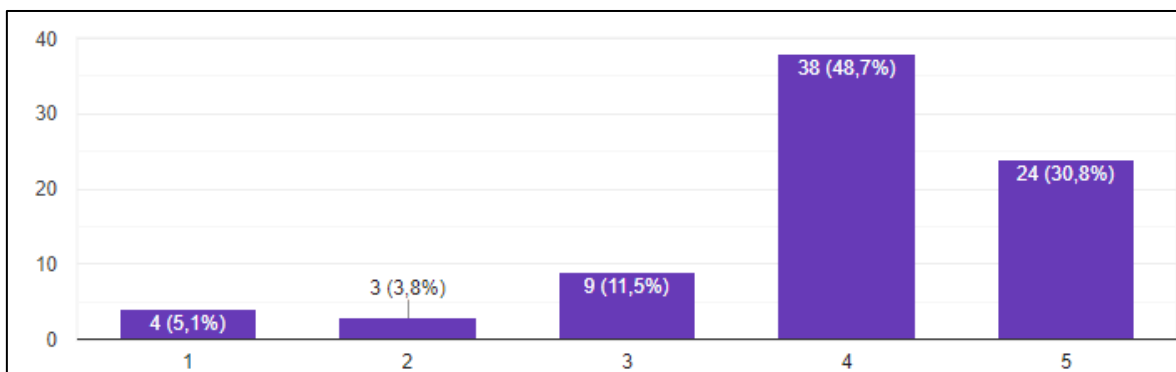
Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

A Figura 13 mostra que 48,7% dos participantes concordam que a vivência na Universidade permite entender melhor o seu lugar no mundo e as contribuições que podem dar, e 30,8% concordam totalmente com isto.

Para Dolabela e Filion (2013), o ambiente de aprendizagem deve propiciar que o acadêmico desenvolva sua autoestima e autoconfiança, relacionando sua identidade com o contexto em que está inserido.

Figura 13. Afirmação: A vivência na Universidade permite entender melhor o nosso lugar no mundo e as contribuições que podemos dar

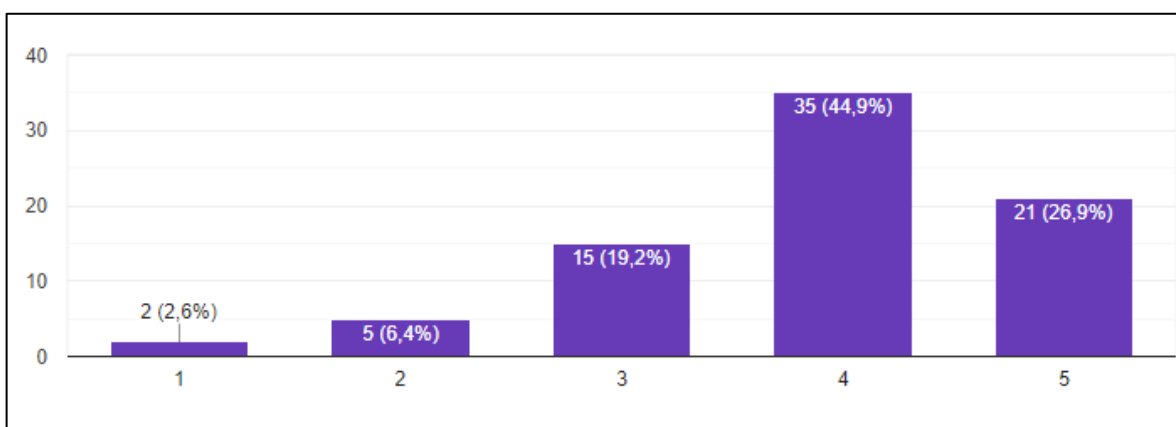


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021

Conforme a Figura 14, cerca de 44,9% dos participantes concordam que conjecturas e pensamento divergente são vistos como parte do processo criativo, e 26,9% concordam totalmente. Segundo Oliveira e Barbosa (2014), o ensino não pode ser rígido na educação empreendedora. Antes, o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo, aprendendo, refletindo, planejando e usando sua criatividade para construir seus próprios projetos.

Figura 14. Afirmação: Conjecturas e pensamento divergente são vistos como parte do processo criativo



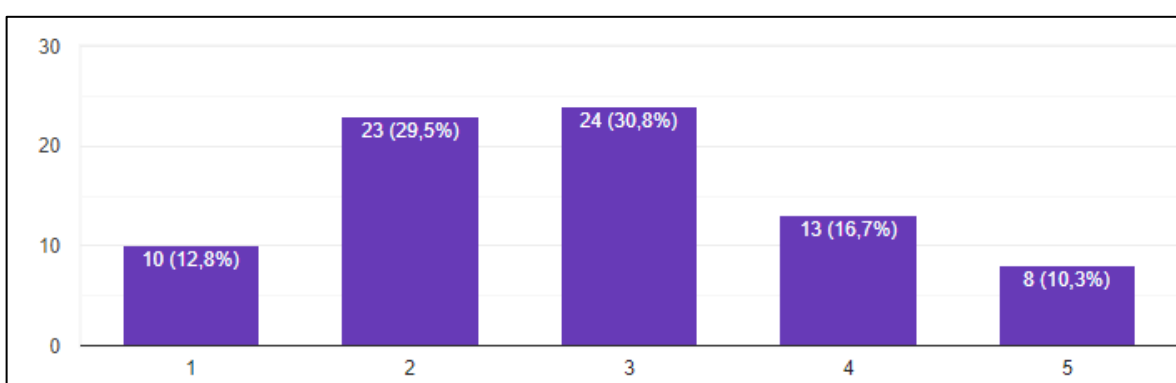
Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021

A Figura 15 aponta que 30,8% dos participantes não concordam nem discordam que no curso de Administração da UFMG de Montes Claros, o conhecimento teórico é amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela. Mostra também que 29,5% discordam da afirmação.

Para Guerra e Grazziotin (2010), a universidade deve oferecer um ambiente rico de experiências para os alunos e não se limitar apenas à sala de aula, mas tornar possível uma formação transversal e integrada.

Figura 15. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, o conhecimento teórico é amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela



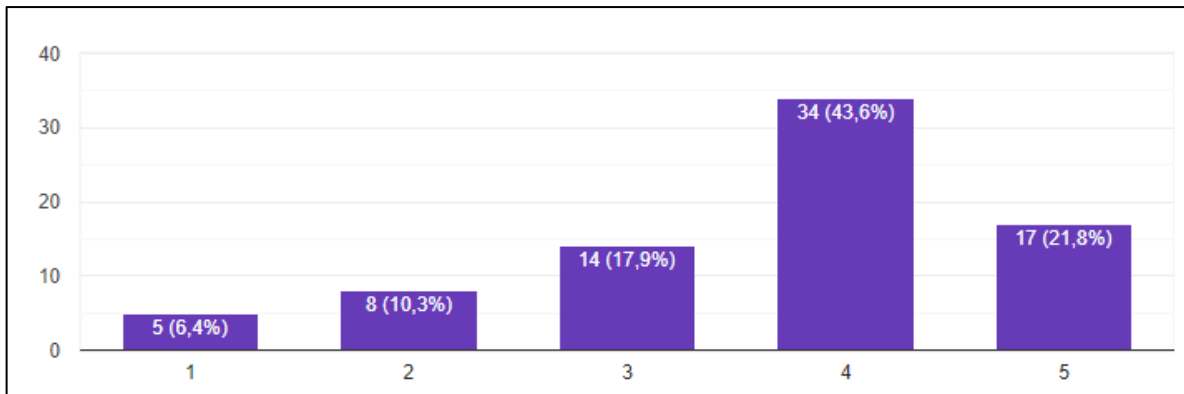
Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Verifica-se na Figura 16, que 43,6% dos que responderam à pesquisa, concordam que no curso de Administração da UFMG de Montes Claros há encorajamento para atuarem no seu local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acreditam serem necessárias. E 21,8% concordam totalmente.

A aprendizagem deve acontecer de forma significativa, possibilitando ao aluno relacionar o que está sendo aprendido com o seu meio de convívio (LOPES, 2010). A educação empreendedora também oportuniza a transformação da realidade através do conhecimento (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014).

Figura 16. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, há encorajamento para atuar no meu local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acredito serem necessárias



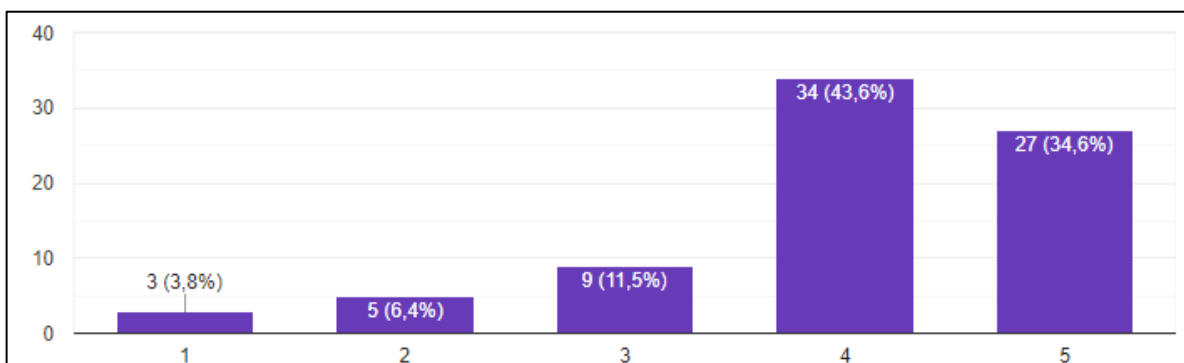
Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Na Figura 17, constata-se que 43,6% dos participantes concordam que no curso de Administração da UFMG de Montes Claros, a educação é vista como processo que dura toda a vida, e não como uma necessidade social durante certo período de tempo. Ainda de acordo com a Figura, 34,6% concordam totalmente com esta afirmação.

De acordo com Ribas (2011), o processo de aprendizado não pode ser considerado definitivo, tendo o término de um curso como indicativo do objetivo alcançado. Pelo contrário, o processo deve ser permanente e dinâmico, visando sempre a interação do saber com o fazer, buscando resultado prático.

Figura 17. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, a educação é vista como processo que dura toda a vida, e não como uma necessidade social durante certo período de tempo



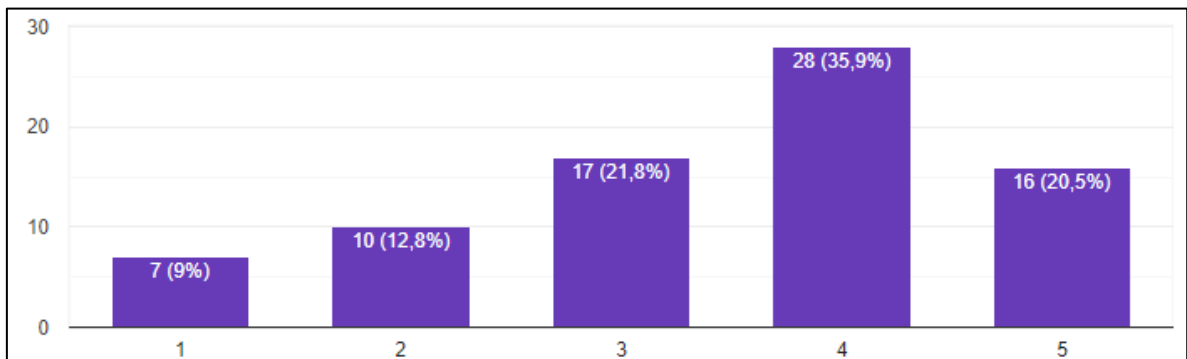
Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

A Figura 18 aponta que 35,9% dos que responderam, concordam que no curso de Administração da UFMG de Montes Claros, os erros são vistos como fonte de conhecimento, 20,5% concordam totalmente e 21,8% não concordam nem discordam.

Dolabela (2008) defende que o erro faz parte do processo de saber empreender. É necessário persistir mesmo diante do erro, aprendendo com estes, buscando novas alternativas e evoluindo.

Figura 18. Afirmação: No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, os erros são vistos como fonte de conhecimento

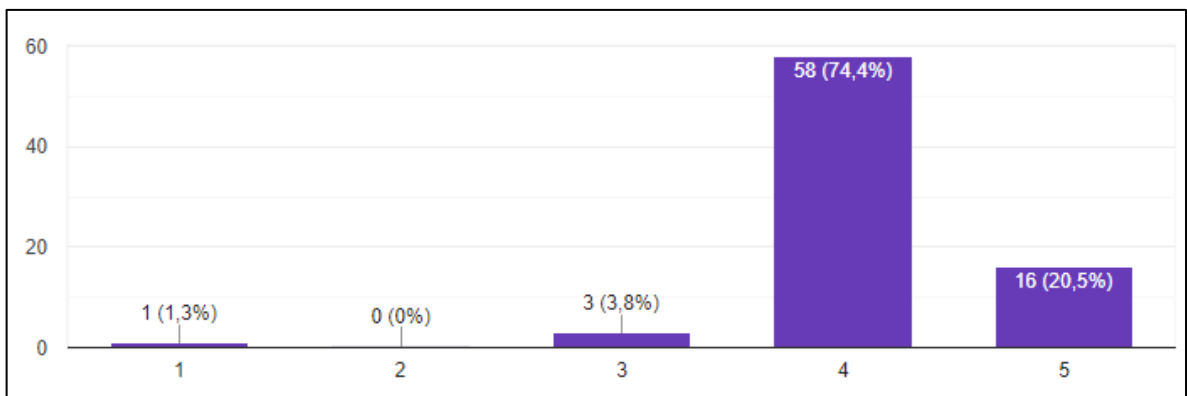


Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

A Figura 19 mostra o resultado de uma questão para verificar o nível de atenção dos respondentes, que dizia “Marque "Concordo" se estiver lendo isso.”. Cerca de 74,4% dos participantes responderam corretamente, o que indica que 25,6% podem ter respondido ao questionário sem o emprego da atenção necessária.

Figura 19. Questão de verificação: Marque "Concordo" se estiver lendo isso



Legenda: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Fonte: Da autora, 2021.

Em suma, conforme os resultados deste estudo, a maior parte dos participantes concorda (60,3%) que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para a transmissão de conteúdos (Figura 5). Em contrapartida, a grande maioria também considera que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para aprender a aprender (Figura 6) e que promove a apropriação do aprendizado pelos alunos (Figura 7).

Entende-se que apesar de o ensino estar embasado na transmissão de conteúdo, há a oportunização do exercício da reflexão, do pensamento crítico e do desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender, o que pode ser ratificado com a concordância dos respondentes da pesquisa à afirmação que diz que os mesmos se sentem estimulados ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos (Figura 10); que conjecturas e pensamento divergente são vistos como parte do processo criativo (Figura 14) e que no curso de Administração da UFMG de Montes Claros, a educação é vista como processo que dura toda a vida, e não como uma necessidade social durante certo período de tempo (Figura 17); além de os erros serem vistos como fonte de conhecimento (Figura 18).

Os resultados apontam ainda que a percepção da maioria dos que responderam é que a postura dos professores do ICA/UFMG é predominantemente de detentores do conhecimento – 56,4%, somados os que responderam “concordo” e “concordo totalmente” - (Figura 9). Quanto à afirmação de que a postura dos professores do ICA/UFMG é sempre de facilitador, conduzindo a construção participativa do conhecimento, a maior parte das respostas se dividiu entre “concordo” e “concordo totalmente” (48,7%) e “não concordo nem discordo” (30,8%) (Figura 8).

Nota-se que este é um ponto que precisa de atenção. É importante que o professor atue como facilitador no processo de ensino-aprendizagem e não como aquele que porta o conhecimento, uma vez que o aluno precisa ser estimulado a buscar respostas para construir o saber. A educação empreendedora busca levar o sujeito a ser independente e autônomo, sendo capaz de aprender por si mesmo (DOLABELA, 2008).

Outro ponto que precisa de atenção está representado na Figura 15, que mostra que apenas 27%, somando as opções de “Concordo” e “Concordo Totalmente”, entendem que no curso de Administração da UFMG de Montes Claros, o conhecimento teórico é amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.

As Figuras 11 e 12 mostram que os participantes tendem a concordar que a programação das aulas é flexível e os conteúdos podem ser adaptados às necessidades de aplicação da turma, em lugar de ser impostos, o que é positivo na educação empreendedora, pois isso colabora para que a vivência na Universidade permita ao educando entender

melhor o seu lugar no mundo e as contribuições que podem dar, conforme afirma a Figura 13, e reafirma a Figura 16, que mostra que o maior percentual dos participantes concorda que no curso há encorajamento para atuarem no seu local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acreditam serem necessárias.

5 CONCLUSÃO

Entende-se que a pesquisa realizada permitiu responder ao objetivo deste estudo, que é caracterizar, a partir da percepção dos alunos e egressos, como a Universidade, mais especificamente o curso de bacharelado em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, campus Montes Claros, tem proporcionado uma educação empreendedora.

Verificou-se que no processo de ensino-aprendizagem do curso há a oportunidade do exercício da reflexão, do pensamento crítico e do desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender, de forma autônoma e contínua, como do estímulo ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos. Há ainda a visão de que conjecturas e pensamento divergente fazem parte do processo criativo, além de os erros serem vistos como fonte de conhecimento. Outros aspectos percebidos, que contribuem para a educação empreendedora, são a flexibilidade na programação das aulas e a possibilidade de adaptação dos conteúdos às necessidades de aplicação da turma; o fato de a vivência da Universidade permitir ao estudante entender melhor o seu lugar no mundo e as contribuições que pode dar; e o encorajamento para atuação no local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acreditam serem necessárias.

A pesquisa apontou também que outros aspectos que beneficiam o processo da educação empreendedora podem ser desenvolvidos. Por exemplo, a adoção, de forma mais ampla por parte dos professores, da postura de facilitador no processo de ensino-aprendizagem, conduzindo a construção participativa do conhecimento. Outra possibilidade é enriquecer o ensino teórico com mais atividades práticas e experimentos na sala de aula e fora dela.

Diante disso, conclui-se que, na percepção dos acadêmicos e egressos, o curso de Administração da UFMG de Montes Claros possibilita o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, podendo, no entanto, evoluir nesse aspecto.

Como limitação para a realização deste trabalho, cita-se o pequeno número da amostra pesquisada em relação à população de interesse, os que podem não ter respondido ao questionário com a devida atenção e a pandemia do COVID-19, que teve início no Brasil em fevereiro de 2020, fazendo-se necessária adoção de medidas preventivas e de combate por todo o país, o que incluiu a suspensão das atividades presenciais também da UFMG de Montes Claros, desde o mês de março de 2020 até o momento.

Diante do exposto, propõe-se que sejam feitas novas pesquisas abarcando uma mostra populacional maior, em um momento no qual a crise sanitária devido ao COVID-19

esteja mais estabilizada e em que o ensino presencial da UFMG de Montes Claros tenha sido retomado.

Recomendam-se também novas pesquisas para se aprofundar no conceito de educação empreendedora e no entendimento sobre o processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo, incluindo seus benefícios, limitações e consequências, de modo a permitir o direcionamento de atividades que conduzam à educação de indivíduos empreendedores de forma eficaz, eficiente e efetiva.

Dessa forma, acredita-se que o presente estudo e a continuidade dele podem contribuir para reflexões e debates sobre como a Universidade pode dar uma maior contribuição para o desenvolvimento de competências empreendedoras dos seus acadêmicos, e conseqüentemente, para o desenvolvimento socioeconômico por meio do empreendedorismo.

REFERÊNCIAS

- AMARO, A.; PÓVOA, A.; MACEDO, L. **A arte de fazer questionários**. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2005.
- BACIC, M.J.; CARPINTÉRO, J. N. C. **Empreendedorismo e Desenvolvimento**. Capital de Risco Brasil. O Portal de Capital de Risco da FINEP, Brasília, p. 1 - 1, 01 dez. 2003.
- CARMO, H.; FERREIRA, M. M. **Metodologia da investigação [Em linha]: guia para auto-aprendizagem**. Universidade Aberta, Lisboa, 2015. p. 316. (eUAb. Universitária; 9). ISBN 9789726747598
- CHAGAS, A. T. R. **O questionário na pesquisa científica**. Administração on line, v. 1, n. 1, 2000.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, (2004).
- DEGEN, R. J. Empreendedorismo: Uma Filosofia para o Desenvolvimento Sustentável e a Redução da Pobreza. **Revista de Ciências da Administração**, vol. 10, núm. 21, mayo-agosto, 2008, pp. 11-30
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil : a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.
- DORNELAS, J. C. A. . **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2008.
- FILION, L. J. Entendendo os intra-empresendedores como visionistas. **Revista de negócios**, v. 9, n. 2, p. 65-79, 2004.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed.-São Paulo: Atlas, 2009.
- GOMES, A. F. O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. **REA-Revista Eletrônica de Administração**, v. 4, n. 2, 2011.
- GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.
- GÜNTHER, H. **Como elaborar um questionário**. Série: Planejamento de pesquisa nas ciências sociais, n. 01, 2003.
- HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

KAUARK, F.; MANHÃES, F.C.; MEDEIROS, C.H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna. Ed. Via Litterarum, 2010.

LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

LOPES, R. M. A.; TEIXEIRA, M. A. A. Educação empreendedora no ensino fundamental. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MAKISHI, Fausto. Empreendedorismo: Origens e abordagens. Empreendedorismo. Administração. Instituto de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Minas Gerais: 2018. Notas de Aula.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: Uma orientação aplicada**. Bookman, 2011.

MINAS GERAIS. Universidade Federal De. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI-UFMG) 2018-2023**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/pdi/2018-2023/documentos/>>. Acesso em: 07 out. 2019.

NUNES, R. **Empreendedorismo : origens e perspectivas teóricas**. Pirassununga: LAE/FMVZ/USP, 2014

OLIVEIRA, J.; BARBOSA, M. L. Processo de seleção de pré-incubação: sob a batuta da subjetividade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

RIBAS, R. **O saber empreendedor: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey – reflexão e proposta**. São Paulo / Raul Ribas – 2011. 172 f. Tese para obtenção de título de Doutor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2011.

ROCHA, E. L. C. **A influência da participação em atividades educacionais de formação em empreendedorismo no perfil empreendedor de estudantes de administração de empresa**. Dissertação de Mestrado em Administração – Centro de Estudos Sociais Aplicados. Universidade Estadual do Ceará. 97 p. 2012.

SAVIANI, Dermeval. Política educacional brasileira: limites e perspectivas. Revista de Educação PUC-Campinas, n. 24, p. 7-16, 2008.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo : Editora Abril, 1982.

SOUZA, E. C. L. et al. **Métodos, técnicas e recursos didáticos de ensino de empreendedorismo em IES brasileiras. Empreendedorismo além do plano de negócio.** São Paulo: Editora Atlas, 2005.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas, e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo.** Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 9. ed. -São Paulo: Atlas, 2007.

APÊNDICE A – Questionário Estruturado

Dados do Participante:

Idade: _____

Ano de ingresso na UFMG: _____

Sexo:

Feminino Masculino Outros

Possui alguma experiência como empreendedor?

Sim Não Não sei dizer

Com relação a Educação Empreendedora, por favor, avalie as afirmativas abaixo, classificando entre: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não Concordo nem Discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente

1. Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para a transmissão de conteúdos.

1 2 3 4 5

2. Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG tem sua ênfase voltada para aprender a aprender.

1 2 3 4 5

3. Acredito que a formação oferecida no ICA/UFMG promove a apropriação do aprendizado pelos alunos.

1 2 3 4 5

4. A postura dos professores do ICA/UFMG é sempre de facilitador, conduzindo a construção participativa do conhecimento.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. A postura dos professores do ICA/UFMG é predominantemente de detentores do conhecimento.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Sinto-me estimulado ao pensamento crítico e à diversidade de pensamentos.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. A programação de aula é flexível e os conteúdos podem ser adaptados às necessidades de aplicação da turma.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Marque "Concordo" se estiver lendo isso.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Os objetivos, conteúdos e discussões são sempre impostos e dificilmente são negociados com a turma.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. A vivência na Universidade permite entender melhor o nosso lugar no mundo e as contribuições que podemos dar.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Conjecturas e pensamento divergente são vistos como parte do processo criativo.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, o conhecimento teórico é amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, há encorajamento para atuar no meu local de trabalho e na sociedade, propondo e realizando as mudanças que acredito serem necessárias.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, a educação é vista como processo que dura toda a vida, e não como uma necessidade social durante certo período de tempo.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. No curso de Administração da UFMG de Montes Claros, os erros são vistos como fonte de conhecimento.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>